

LÍNGUA PORTUGUESA E EXPRESSÕES ENGANADORAS

JOSÉ AUGUSTO CARVALHO

Doutor em Letras (Língua Portuguesa e Filologia)
Universidade de São Paulo

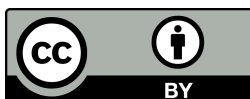
E-mail: jaucriscar@gmail.com

ID Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3909-1291>

ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9857123135345884>

Recebido em marco de 2022

Aprovado em abril de 2022



Artigo publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Resumo:

Este artigo visa a esclarecer alguns pontos que provocaram análise crítica de um excelente professor da Unicamp. O objetivo principal, contudo, é mostrar que, na língua portuguesa, há cinco vozes verbais e não apenas as três (ativa, passiva e reflexiva) indicadas nos manuais de gramática, e que o SE apassivador, contrariamente à opinião de alguns estudiosos, não é o mesmo “se” indeterminador, porque pode, ainda que raramente, construir-se com agente da passiva, o que seria impossível com o SE indeterminador.

Palavras-chave: Língua portuguesa. Vozes do verbo. Pronome “se”

Abstract:

This article aims clarifying arguments that provoked a critical analysis from an excellent professor at Unicamp. The main objective, however, is to show that, in the portuguese language, there are five verbal voices and not only the three (active, passive and reflexive) indicated on grammar textbooks, and that the passive “SE”, contrary to scholars opinions, it’s not the same indeterminant “se”, since it can, even if rarely, construct itself with passive agency, which would be impossible with the indeterminant “SE”.

Keywords: Portuguese language. Verbal voices. Pronoun “se”.

Artigo intitulado “É ativo, passivo ou na média?”, de minha autoria, publicado na *Revista Língua Portuguesa*, nº 112, p. 28-31, mereceu comentários de Sírio Possenti, no seu texto “Expressões enganadoras”. Apesar de sentir-me honrado por ver que um artigo meu tenha despertado o interesse de tão ilustre professor da melhor universidade brasileira, lamentei que ele se ativesse a um exemplo só (“João pesa 80 quilos.”) e tenha entrado em questões filosóficas que se distanciam da sintaxe. O assunto básico do meu artigo era mostrar a existência de pelo menos cinco vozes verbais, além das três ensinadas nas escolas e nos manuais de gramática. A discussão sobre o “se” apassivador e o “se” indeterminador embora pertinente, não era o objetivo principal do meu texto. Há outros exemplos que cito e que não invalidam minha tese, como “O chá e o café se derramaram sobre a mesa”, em que o sentido passivo é óbvio demais. Chego a acrescentar que o sentido passivo dessa frase, em que o sujeito precede o verbo, é mais bem aceito pela intuição do falante do que se o sujeito estivesse depois do verbo.

Quanto a dizer que “aluga-se esta casa” não significa o mesmo que “esta casa é alugada” não invalida o asserto de que ambas as frases estão na voz passiva. A diferença semântica entre as duas frases pode estar no aspecto verbal (o verbo “ser” tem um aspecto permansivo que não desaparece no presente do indicativo quando é auxiliar da passiva). Há muitos exemplos em que a construção passiva com o pronome apassivador tem a mesma interpretação semântica da construção com o verbo ser: Alugou-se a casa / a casa foi alugada. Nem sempre a correspondência semântica é perfeita quando se trata do presente do indicativo, por causa do aspecto de não completitude do verbo no presente com o pronome SE. Em “aluga-se esta casa”, há o aspecto de não completitude, num caso talvez de enálage, em que o pres. do indicativo indica um aluguel ainda a realizar-se, um aluguel futuro. Com o verbo ser, há o aspecto permansivo ou pontual: “esta casa é alugada”.

Said Ali (1957), em *Dificuldades da língua portuguesa*, achou estranha a construção “O livro lê-se por todos”. Este livro foi publicado em 1908, quatro anos depois da Réplica de Rui Barbosa, em que se lê: “Este verbo [afetar] em nossa língua, nunca se usou pelos escritores vernáculos senão como equivalente de amar(…)” (1980, p. 266). A segunda edição de *Dificuldades...* saiu em 1919, oito anos depois da publicação

dos *Novos estudos da língua portuguesa*, de Mário Barreto, em que se se lê: “...porque o verbo se governa só pelo último dentre os vários sujeitos, subentendendo-se com os restantes.” (BARRETO, 1980. p. 198).

Vale dizer: ao apoiar-se apenas na intuição, Said Ali apenas mostrou que estava desatualizado em relação aos estudos dos seus contemporâneos. Ou não lhe lembrou mencioná-los. Trato disso na *Minha gramática superior da língua portuguesa*, no capítulo sobre verbos.

Não se me dá que Said Ali tenha dito que a concordância do verbo na construção com o pronome apassivador seja “falsa concordância” (o.c. p. 99) porque se trata de construção existente em todas as línguas românicas, e até mesmo em alemão, segundo Cláudio Brandão (1963, p. 375).

Aliás, Said Ali, tentando defender que, em “A Bernardes admira-se e ama-se”, o sujeito seria indeterminado, afirma que “não existe regra de sintaxe nenhuma que admita como sujeito um substantivo regido de preposição” (p. 94). Faleceu-lhe um corpus mais abrangente. Nas frases “Aqui acontece de tudo”, “Já passou da hora de dormir”, “Quando foi do terramoto, contava ele cinquenta e cinco anos” (Camilo), “Custa a crer que isso tenha acontecido”, “Eu vi dançar o vira às meninas de Lisboa”, os sujeitos dos verbos acontece, passa, foi, custa e dançar são preposicionados. Mostrei no meu artigo, ao contrário do que afirmou Said Ali, que o SE apassivador não é o mesmo SE indeterminador. Além disso, no meu artigo falo de várias vozes verbais, e não apenas das tradicionais ativa, passiva e reflexiva. Infelizmente, Sírio Possenti comentou meu texto usando apenas um único exemplo meu, sem levar em conta os outros ou a tese que defendo (das muitas vozes verbais). A frase “A casa tem quatro quartos”, citada por Possenti, estaria na voz medial e não na voz ativa. E em nenhum momento, no meu trabalho, defini o sujeito como aquele que pratica a ação. Um dos exemplos de voz medial, em contradição no *Dicionário de linguística* é “O ramo quebra”, em que seria absurdo supor que o sujeito tenha praticado a ação (DUBOIS, 1988, [s. v.]). Tampouco analisei como objeto direto o termo “30 quilos” na frase “José pesa apenas 30 quilos”, embora seja essa a análise nas gramáticas tradicionais, em que o objeto direto é definido como o termo que completa o sentido do verbo sem auxílio de preposição.

Em frases como “A montanha tremeu”, “Eles se escreveram belas cartas”, “Pedro se lava”, a voz, ainda segundo aquele *Dicionário*, é média. A voz reflexiva é apenas um tipo de voz medial. Em frases como “Ele cresce

a olhos vistos”, “Ele é um homem viajado”, “Pedro chegou aqui almoçado”, os participios indicam uma voz depoente, isto é, uma voz aparentemente passiva, com significado ativo: olhos que veem, um homem que viajou, Pedro já almoçou. O oposto da voz depoente (antidepoente) também ocorre em frases aparentemente na voz ativa, com significado passivo: Ele pegou gripe, Antônio levou uma surra, Carlos recebeu uma pedrada... Em latim, a voz de verbos construídos na voz passiva era chamada depoente, como em *sequor, sequeris, secutus sum, sequi* (= seguir). Na voz semidepoente, o verbo ficava na voz ativa nos tempos do *infectum* (presentes e imperfeitos) e na voz passiva nos tempos do *perfectum* (perfeitos e mais-que-perfeitos), como *audeo, es, ausus sum, audere* (ousar).

Com relação a “sentar-se na mesa” e “sentar-se à mesa”, o articulista não levou em conta o fato que cito no meu artigo: a comutação não funciona na sintaxe. Se dizemos “à tarde” e “à noite”, não podemos dizer “*à manhã. O Sr. Possenti confundiu sintaxe de regência da preposição com semântica de construções com preposição. Em nenhuma gramática ou dicionário o sr. Possenti encontrará “a” como sinônimo de “sobre”.

Estranho que, no final de seu texto, Sírio Possenti diga que “o ensino destas questões na escola está longe de ser interessante e relevante”. Esqueceu-lhe determinar se a escola a que se refere é a superior, porque numa universidade todos os assuntos ligados à língua portuguesa são relevantes. Mas, afinal, se a questão é mesmo desinteressante e irrelevante, não haveria por que ele se dar o trabalho de discuti-la.

REFERÊNCIAS

- SAID ALI, em *Dificuldades da língua portuguesa*. 5.e.d Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957, p. 10.
- BARBOSA, Rui. *Réplica*. Rio de Janeiro: OAB/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1980, § 14. Art. 223, I, nº 348, p. 266, vol. II.
- BARRETO, Mário. *Novos estudos de língua portuguesa*. 3.ed. fac-similar. Rio de Janeiro: INL/Fundação Casa de Rui Barbosa/ MEC/Presença, 1980. p. 198, cap. XII
- BRANDÃO, Cláudio. *Sintaxe clássica portuguesa*. Belo Horizonte; Imprensa da Univ. de Minas Gerais, 1963, p. 375.
- DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1988, s.v. Médio.